



597.º SARAU

T e a t r o

Municipal

SEXTA-FEIRA,
16 DE MAIO DE 1947

Às 21 horas

PROGRAMA-BRAHMS

em comemoração do cinquentenário de sua morte,
ocorrida em 3 de abril de 1897

GRANDE CONCERTO SINFÔNICO

DA

ORQUESTRA SINFÔNICA DE SÃO PAULO

sob a regência do consagrado maestro

EDOARDO GUARNIERI

e com a colaboração do exímio pianista

FRITZ JANK

Programa

I

Sinfonia n. 1, em Dó menor, op. 68

Un poco sostenuto - Allegro

Andante sostenuto

Un poco Allegretto e grazioso

Adagio - Allegro non troppo ma con brio

II

Concerto n. 2, em Si-bemol maior, op. 83, para piano e orquestra

Allegro non troppo

Allegro appassionato

Andante

Allegretto grazioso

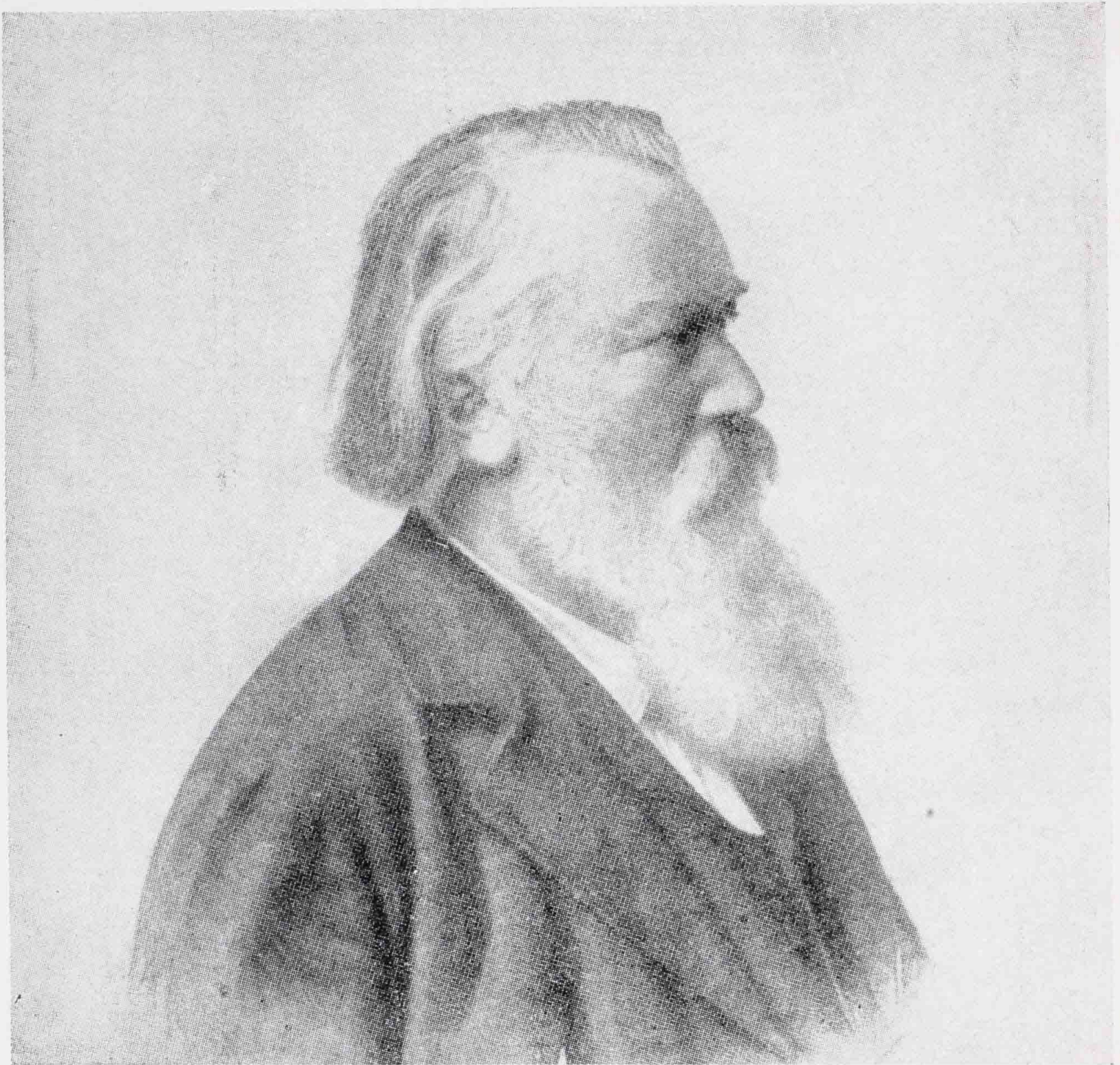
Solista: FRITZ JANK

JOHANNES BRAHMS

JOÃO C. CALDEIRA FILHO

A data de 3 de abril de 1947 marca o 50.º aniversário da morte de Brahms. No seu primeiro concerto dêste ano, a Sociedade de Música de Câmara incluiu o Trio op. 8 daquêle autor. A esta primeira homenagem outras deverão suceder-se. Com elas teremos, em nosso meio musical, a presença de Brahms.

Sua obra tem sido aqui pouco divulgada e assim mesmo esporadicamente, ao acaso das conveniências de organização de programas sinfônicos, em que aparecem as sinfonias; de recitais de canto, com alguns "lieder", sempre os mesmos, os que mais agradam; raramente nos de piano e mais raramente ainda nos programas de música de câmara. Mais abundante apresentação de suas obras será útil portanto como informação, como tomada de conhecimento de um grande mestre da literatura musical que já pertence ao passado. No tempo em que tal conhecimento teria sido atual, digamos ha cinquentá anos, que se sabia dêle aqui? Que reações teria



provocado nos nossos artistas criadores? Desconhecendo o atual, acentuamos a nossa contemplação do passado; mantemos rigorosamente esse atraso mínimo de cinco décadas em relação ao que vai pelo mundo da música. Daí uma atitude de impermeabilidade quanto ao entusiasmo criador dos novos, dos contemporâneos, dos atuais. Os nossos, por isso mesmo, evadem-se, e os Estados Unidos os recebem com entusiasmo, e lhes fazem justiça. O que dizemos de Brahms cabe a muitos outros autores, alguns enterrados ha séculos, e daí esse ridículo de apresentação de obras de músicos dos séculos 16 ou 17 com a menção "primeira audição"! Ridículo, triste, mas verdadeiro.

* * *

Brahms nasceu sete anos após a morte de Beethoven. Alcançou-lhe a divulgação, crescente em conhecimento entusiasmo, compreensão e amor. Com Beethoven, estava de pé, vivo como nunca e genialmente atualizado o passado musical da humanidade. Por outro lado, a romântica programação musical de Liszt e o dramalírico de Wagner constituíam correntes novas, sedutoras, com valor intrínseco hoje definitivamente incorporado à história da música. Tais orientações estavam solidamente apoiadas na cultura germânica, ou seja possuíam suficiente vitalidade. Seria sem dúvida errado pretender haver sempre uma orientação definitiva, com verdade histórica, e considerar as outras, como sendo passageiras, de raízes pouco profundas, destinadas a se desvanecerem ao primeiro sopro de vento. Desde que profundamente enraizadas em valores universais, tôdas elas permanecem, variando apenas, e por razões nem sempre exclusivamente musicais, a divulgação e aceitação pelo público. Seria por isso errado também predeterminar a situação de Brahms numa ou noutra corrente, de maneira exclusiva. Seria impossível também uma

posição de absoluta independência e originalidade, sem relações com o passado e o presente. Toda obra de arte, por esta ou aquela razão, ha de necessariamente prender-se ao passado, ao já feito, à cultura existente, considerada a cultura como o conjunto das realizações objetivas do espírito humano.

E' nesta terceira possibilidade que se vem fixando historicamente a grande figura de Brahms, autonoma sem ser independente, original sem ser inexpressivo meio termo. Ha muito tempo, desde a primeira execução integral do "Requiem Alemão" (1869), está definitivamente aceito na sua pátria; já se desfizeram as prevenções iniciais, as incompreensões com que foi visto no estrangeiro, principalmente na França. Isto lembra a intrinseca diferença entre o gênio das duas raças, a dificuldade de compreensão reciproca entre as respectivas criações musicais, o que se estende a nós, latinos do Brasil, sempre na dependência de um ajuste de contas na Europa para depois lhes conhecermos as músicas. Enquanto isso...

Brahms é autônomo, embora não independente. Prende-se inicialmente à grande cultura musical germânica que informou com um "pensamento" o quadro formal criado no Mediterraneo. Está bem próximo de Beethoven, embora não tanto quanto o desejava a precipitada opinião de Bulow (a primeira sinfonia de Brahms seria a decima de Beethoven). Preferiu o esquema clássico da sonata, desenvolveu a técnica da "variação" a que deu grande importância na economia formal e expressiva da obra de arte, ateu-se aos limites específicos da música, da chamada música "pura" ou "absoluta", desligada da intelectualização verbal, e daí a interioridade da sua criação. Está também próximo de Bach pelo espírito polifônico, pelo tratamento contrapontístico da matéria musical, o que lhe torna as obras algo "pesadas" para nós, latinos, mas lhes garante serrada estrutura. E a alma sonora de Schumann transparece aqui e ali.

E' original sem ser inexpressivo. E' pessoal, e tem de seu aquela maneira inconfundível, profundamente germânica que sôbre os princípios básicos da arte ergue um "humanismo" rico e sensível aos diversos valores universais. Compreendeu e amou a alma popular, os seus cantos, as suas lendas, a sua poesia. Soube ser um homem de seu tempo, sem sacrificar a sua personalidade. Como característica, vê-se nele a constância do ideal de absoluta perfeição na utilização do material sonoro, ideal que, levado às últimas consequências, conduziu a esse aspecto geral, mas verdadeiro, da sua música, o equilíbrio entre o classicismo e o romantismo.

Quando forem mais largamente apresentadas suas obras, não ha razão para o ouvinte ficar perplexo. Basta aplicar o "teste" de Mason e perguntar: é sua música pretensiosa e vazia, ou, ao contrário, é viva expressão de uma personalidade que experimentou e compreendeu a profundidade da emoção humana?



Brahms, saindo do Restaurante "Rothen Igel", onde costumava almoçar e seguindo para casa, ruminando as suas inspirações musicais.

(Caricatura de Otto Boehler)

Próximo Sarau, em 21 do corrente



Trio **PARRAINNESE**



1-ery-Rio-45-

RENÉE DEVRAINNE FRANK, pianista
BIANCA BIANCHI, violinista
CHARLOTTE FRANK, violoncelista